



## DISPLASIA COXOFEMORAL: A RADIOGRAFIA COMO MÉTODO DE EXAME

Joice Possamai<sup>1</sup>, Henrique Schneider Schultz<sup>1</sup>, Caroline Lima Portela<sup>1</sup>, Ieda Márcia Donati Linck<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto tem por objetivo principal aprofundar o conhecimento sobre a displasia em pequenos animais, seus sintomas e os problemas que pode acarretar nestes animais. Além disso discorre sobre a importância do raio-x no diagnóstico dessa displasia. Tem como base, uma pesquisa em artigos científicos, realizada durante a disciplina de Produção Textual, do Curso de Medicina Veterinária na Universidade de Cruz Alta. Os cães afetados podem apresentar displasia em diversos locais do corpo: nas mamas, nos ossos, nos pelos, nos rins e, ainda, nos dentes. Com maior casuística, tem-se a displasia coxofemoral (DCF), que ocorre na articulação coxofemoral localizada no quadril. É composta pelo encaixe da cabeça do fêmur na superfície articular, chamada de acetábulo. Durante o desenvolvimento dessa articulação, ocorre um desequilíbrio que afeta as estruturas envolvidas no processo do movimento, causando instabilidade. O desgaste da cartilagem, devido ao mau posicionamento, conduz a uma diminuição do espaço articular. Conseqüentemente, ocorre um quadro inflamatório agudo (artrite) que progride até se tornar crônico, com perda de cartilagem e desgaste do osso: artrose. Os cães mais acometidos são os de raça grande, como Pastor-Alemão, Rotweiler, Labrador e São Bernardo, sendo, nestes casos, definida como uma doença hereditária (LUST et al., 1985). Os sinais clínicos da DCF variam amplamente, podendo apresentar claudicação uni ou bilateral, dorso arqueado, peso corporal deslocado em direção aos membros anteriores, e andar bamboleante. Estudos estatísticos mostram que 70% dos animais radiograficamente afetados eram assintomáticos e foram comprovar displasia somente depois do exame por imagem (GEROSA, 1995). Cerca de 80% dos cães displásicos mostram evidências radiológicas aos doze meses e, em alguns casos, só são identificadas aos dois anos (LUST et al., 1985). De acordo com as Normas do Colégio Brasileiro de Radiologia Veterinária (CBRV), o exame radiográfico deve seguir os seguintes quesitos: idade (diagnóstico definitivo após 24 meses), contenção (deve ser feita uma analgesia rápida e profunda, onde deve ocorrer relaxamento muscular para o cão não movimentar-se durante o exame), posicionamento adequado, identificação do filme (nome, raça, espécie do animal, lado da articulação que está sendo radiografada), tamanho do filme e qualidade da radiografia. Apesar do exame radiográfico ser mais comum, hoje, ela pode ser substituída pela ressonância magnética, que mostra um resultado mais detalhado; e o PennHip, método radiográfico mais aperfeiçoado (FORTES JR., 2008). O tratamento clínico é baseado na utilização de analgésicos, anti-inflamatórios não esteroidais e esteroidais, que são capazes de amenizar a dor do animal, possibilitando uma melhor movimentação. O controle de peso do animal também pode ser feito, assim como também a fisioterapia, e a utilização da acupuntura. Para os casos considerados de maior gravidade, a cirurgia é a melhor solução, pela qual é implantada uma prótese no quadril; esse procedimento é praticado apenas em cães com mais de dois anos, porque os ossos necessitam de estar bem formados para suportarem os implantes (PAYNE, 2008; PERERA, 2008). Embora cientes da importância do raio-x para um diagnóstico definitivo, há um contraponto, pois nem todos os animais acometidos terão acesso ao diagnóstico por imagem, visto que essa conduta clínica tem um alto custo. A displasia coxofemoral continua sendo estudada, afirmando a necessidade de intervenção de profissionais bem qualificados na realização desse procedimento, uma vez que envolve a saúde e bem-estar dos animais.

**Palavras-chave:** Displasia. Cães. Radiografia. Tratamento.

<sup>1</sup> Discentes do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta – Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: joicepossamai7@gmail.com, henriqueschultz2010@hotmail.com, caaroline.lportela@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Linguística UFSM e UA/Portugal. Docente da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: imdlinck@gmail.com